

Wilson Fonseca, o Barroco no Século XX

Vicente Salles

Antropólogo, musicólogo,
folclorista, autor de vários
livros nessas áreas.
Atualmente desenvolve
pesquisas em Brasília
(D.F.)

Nascido em Santarém a 17 de novembro de 1912, Wilson Fonseca não precisou sair de sua cidade natal para se consagrar à música e ser, hoje, consagrado como um dos mais importantes compositores do Pará. O que sabe é herança paterna, produto de muito estudo e muito trabalho. Mestre do contraponto e da polifonia, é quase inacreditável que, na sua longínqua Santarém, tenha adquirido com persistente esforço o conhecimento que possui da arte de compor. Lembra o seu aprendizado o do padre mestre José Maurício Nunes Garcia ou, melhor ainda, o dos mestres do barroco mineiro: todos eles longe dos "grandes centros" ou da "civilização" europeia e, no entanto, pelo próprio esforço, produziram obras admiráveis.

Filho do mestre de banda José Agostinho da Fonseca e de Ana Malheiros Dias da Fonseca, recebeu do pai orientação segura dos fundamentos teóricos e práticos da música, exercitando-se, muito cedo, no violino e nos instrumentos de sopro. Aos 8 anos de idade já apresentava progressos no piano e aos 10 anos, estreava como executante tocando triângulo (ferrinhos) na Banda de Música, e, piano, na orquestra, dirigidas ambas por seu pai durante os festejos realizados em Santarém por ocasião do 1º centenário da nossa Independência. Em 1925 ingressou na Escola de Música do Colégio São Francisco, onde aprendeu a tocar requinta e depois saxofone com o professor Luís Barbosa e, com o saxofone, participou da "Sinfonia Franciscana", conjunto infanto-juvenil organizado por frei Ambrósio Phillipsenburg. Nesse ano - 1925 - seu pai organizou o "Assembléia Jazz-Band", pioneiro de Santarém, conjunto que podia rivalizar com os melhores da capital. O conjunto trazia muitas novidades, no instrumental e no repertório, mas chamava particular atenção a primeira bateria conjugada, novo e revolucionário instrumento. A bateria chegara de São Paulo, adquirida da firma Carlos Scavone, pelo preço de 500\$000 (quinhentos mil réis), com a ajuda financeira dos srs. Antônio Antunes Monteiro, Gregoriano Queiroz e outros. Era,

na verdade, um complicado instrumento: todo em metal amarelo, o bombo tinha como acessórios na parte superior um prato grande, de boa têmpera, sustentado por uma mola em espiral, duas castanholas, três chocalhos e tons diferentes e um tam-tam; na parte inferior, um pedal (para ser acionado com o pé direito) movimentava a um só tempo a maçaneta dupla: o remate com esfera com feltro percutia a pele retesada do bombo e o remate com esfera em metal, outro prato menor, fixado no aro dianteiro ao lado direito. Completavam o conjunto de percussão uma caixa-repique apoiada em tripé e um par de pratinhos "contra-tempo", este movimentado, também com pedal, com o pé esquerdo. O inusitado instrumento, tão logo chegou a Santarém, permaneceu em exposição à curiosidade pública, por uma semana, na vitrine principal da "Loja Castelo". A sua estréia verificou-se numa festa da "Assembléia Paraense", instalada no velho sobrado azulejado à época existente no local onde hoje está o "Centro Recreativo". O seu executante, na noite da estréia, foi o menino Wilson, de 13 anos de idade... E como aprendeu a manipular - e pedalar - sozinho e tão rapidamente esse complicado instrumento? A pergunta fica sem resposta, mas o fato é que Wilson Fonseca empolgou-se pelo instrumento, foi o primeiro baterista do jazz-band santareno, passando depois para o saxofone e transferindo essa função para o cantor Joaquim Toscano. Mostrava assim precocemente extrema versatilidade. No saxofone alto se firmaria depois. De 1928 a 1936 foi titular de piano num quarteto (piano, violino, flauta e contrabaixo) que, sob a direção do pai operava nos cinemas de Santarém. Ainda da criação de José Agostinho da Fonseca foi o "Euterpe Jazz-Band", conjunto que teve grande projeção na cidade mocoronga de 1930 a 1953 e do qual Wilson era pianista, saxofonista e por fim regente.

Em 1936, com o afastamento definitivo de José Agostinho da Fonseca da atividade musical, por motivo de doença, Wilson Fonseca torna-se titular do Jazz-Band, então com 14 figuras, desdobrando-se

ainda em outras atividades dantes impulsionadas pelo pai. Assumia agora a direção da vida musical santarena, com pouco mais de 20 anos de idade. Já no ano anterior, fora convidado para dirigir a "Sinfonia Franciscana", cargo que lhe atribuíra Frei Ambrósio Phillipsenburg. Mas o conjunto infanto-juvenil não se renovara. E assim foi ele dissolvido, em 1936, aparecendo em seu lugar a "Filarmônica Santa Cruz", que dava continuidade a tradição musical santarena no setor. Por esse tempo, o jovem maestro já se tornara também vitorioso compositor com alguma repercussão nacional. Seguindo as pegadas do pai, nota-se que foi entre o gosto regional e o importado que Wilson Fonseca começou a desenvolver, muito jovem, uma obra de grande expressão. Estréia como compositor em 1931, produzindo a valsa para piano "Beatrice", a modinha "Ah! se eu pudesse...", canto e piano, com letra do padre Manuel Rebouças de Albuquerque, e um tango. "O teu sorriso", também para piano. Logo a produção cresce, fluindo uma série de peças ligeiras de estilo popular nos mais variados gêneros em voga. No final de 1934 já conta com duas dezenas de melodias, treze das quais terão destino auspicioso. Como o pai, que se projetou no país colaborando no suplemento musical da revista carioca *O Malho*, de circulação nacional, Wilson Fonseca também usará com êxito o mesmo processo de divulgação. Na época, outra revista carioca, *Jornal das Moças*, publicava um suplemento musical, dando à estampa músicas que eram, por seu turno, executadas num programa da Rádio Mayrink Veiga. Com essa dupla divulgação, compositores de todo o país tinham uma oportunidade de mostrar os seus trabalhos, alcançando insusitada divulgação². Assim, de 1934 a 1936, surgiram no suplemento musical do *Jornal das Moças*, e tiveram execução e irradiação pela orquestra da Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, nada menos de 17 peças de Wilson Fonseca nos vários gêneros em voga - valsa, tango, fox-trot, fox blue, marcha, samba etc. -, algumas simplesmente instrumentais, outras com letra própria ou do poeta Felisbelo Sussuarana. A partitura da valsa "Beatrice", uma de suas primeiras composições, é assim publicada no suplemento do *Jornal das Moças*, edição de 6 de setembro de 1934. Não deixa de chamar a atenção o fato de toda a produção de 1934, um total de 7 peças, haver sido publicada³, o que evidencia a grande habilidade do compositor, seu rápido amadurecimento, assimilação dos estilos em voga e julgamento favorável dos encarregados da seleção, no Rio de Janeiro, que encontravam méritos na obra produzida pelo distante compositor santareno.

Em 1936 Wilson Fonseca faz uma experiência no gênero da composição sacra e da tentativa surge a

"Ladainha nº 1", para duas vozes iguais, com acompanhamento de órgão. Produz a seguir vários hinos religiosos e uma "Ave Maria" para o texto latino, e colabora, desde o início, como instrumentista, com o movimento coral que os marianos vinham pondo em prática. Do mesmo ano data a partitura da revista-fantasia de costumes regionais "Olho de Boto", original de Flávio Tapajós (Felisbelo Sussuarana) e alguns números para outra revista. "Cadê Nhá Cularinda?", de Paulo Rodrigues dos Santos, ambas levadas ao palco do extinto Teatro Vitória. Por fim, ainda em 1936, compõe o hino do "Centro Recreativo", partitura editada posteriormente (1959) na gráfica dos Irmãos Vitale, de São Paulo.

Convivendo em Santarém com missionários alemães, numa época de intensa agitação política, que resultaria na instalação da ditadura getulista - Estado Novo - compreende-se o seu envolvimento político na linha do chamado eixo, ou o integralismo, figurando ele, em 1937, como redator do semanário "O Sigma", de circulação pouco duradoura na cidade de Santarém. Chegou até a compor um hino em homenagem a Plínio Salgado. Mas em 1941 casa-se com uma descendente dos confederados norte-americanos que, em 1867, tentaram implantar uma colônia nas cercanias de Santarém: Rosilda Hennington Malheiros, que lhe daria seis filhos: José Wilson, Vicente José, Maria das Dores, Maria da Conceição, José Agostinho e Maria de Jesus.

Além do casamento, o ano de 1941 marca dois acontecimentos significativos na vida de Wilson Fonseca: no plano profissional e no plano artístico. No profissional, ingressa como funcionário do Banco do Brasil, agência local, mediante concurso público no qual obteve aprovação em 1º lugar. No plano artístico, compõe a marcha "Santarém" que, adaptada à letra de Paulo Rodrigues dos Santos em 1948, se apresentou no mesmo ano como o Canto Oficial das comemorações do 1º Centenário da elevação de Santarém à categoria de cidade. Chamada então "Marcha do Centenário", depois veio a ser adotada oficialmente como "Hino de Santarém", posteriormente gravado (1972), em compacto simples, pelo Coro e Orquestra da Rádio MEC, - Orquestra Sinfônica Nacional, sob a regência do maestro Nelson Hack.

Em 1945 aparecia como pianista da orquestra de câmara fundada e dirigida por Frei Feliciano Trigueiro, a qual, com a transferência do seu fundador para outra localidade, passou a dirigir, até 1948, quando foi dissolvida. Frei Feliciano, considerado um dos maiores compositores sacros do Brasil, foi o contacto mais importante de Wilson Fonseca, até então, com uma forte personalidade artística. Dele recebe principalmente boa orientação para a regência coral e a composição segundo os

cânones da música sacra. Com o afastamento de Frei Feliciano continuou sozinho esses estudos até iniciar sua correspondência com Frei Pedro Sinzig O.F.M., eminente compositor sacro e diretor da revista *Música Sacra*, de Petrópolis, que lhe transmite conselhos no sentido de melhor se encaminhar dentro dos verdadeiros princípios da música religiosa. Em 1950, já organista da Catedral de Santarém, cargo que mantém por muito tempo, cria um coral feminino, denominado "Coro da Boa Vontade", porque não se compunha apenas de moças filiadas a irmandades religiosas, mas era aberto a todas aquelas que, tendo qualidades, quisessem contribuir com seu esforço pessoal. Seu irmão Wilde dirigia então um coral masculino, denominado Coro Santa Cecília e os dois resolveram conjugar seus esforços num coro único. Dessa iniciativa surgiu o conjunto denominado por D. Frei Floriano Loewenau, bispo-prelado de Santarém e grande animador das iniciativas musicais dos irmãos Fonseca, o "Coro da Catedral de Santarém", nome que se conserva até hoje, com 10 vozes masculinas e 22 femininas, grupo musical cujo repertório vai desde o gênero sacro, sua principal atividade, passando pelas peças eruditas até às regionais e folclóricas. Coube a Wilson as funções de Diretor e Organista e a Wilde a de Regente.

Fortalecido, desta forma, seu interesse pela música sacra, recebendo, por correspondência de Frei Pedro Sinzig lições preciosas e indicações das fontes do saber, a sua missa "Mater Imaculata", para 4 vozes mistas e órgão, merece, aprovação da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra, do Rio de Janeiro, com atestado firmado por aquele mestre. Falecido Frei Pedro Sinzig, surge em Santarém, pouco depois, para outro breve contato, o alemão Frei Alberto Kruse O.F.M., que vinha de uma longa experiência com os índios da Missão Cururu, músico ilustre, antropólogo e etnógrafo. Conhecido no mundo da ciência, músico de sólida formação, Kruse havia se transformado, no mundo da música, no caboclo Tomás Samaí, compositor de hinos e missas para os índios da Mundurucânia. Embora vivendo incógnito a sua música, assinada com o pseudônimo caboclo, era divulgada principalmente pelas páginas da revista *Música Sacra*, de Petrópolis, e na Alemanha. Estudando as obras dos grandes mestres, como Bach, Palestrina, e Bruckner, entre outros, nas aldeias indígenas aperfeiçoou os vastos conhecimentos da arte, até alcançar os tons mais graves, serenos e místicos. Kruse era amigo e correspondente do Dr. Heinrich Lemacher, professor da Academia de Música da Colônia (Alemanha), organista de grandes recursos. Entre os indígenas da Missão Cururu fundou coros sacros, espalhando também sua experiência por Santarém, Óbidos e Oriximiná. E esse Alberto Kruse, ou Tomás Samaí, saído das

aldeias indígenas, define agora o momento mais importante da obra de Wilson Fonseca, ampliando-lhe as bases. Com ele praticou o contraponto e a polifonia coral. São desse período suas missas "In Honorem Sancti Joseph", "In honorem Sanctae Annae", "In Honorem Sancti Augustini", além de uma coletânea de 23 hinos em honra da Virgem Maria, intitulada "Maria, Nossa Canção", com texto em português de Padre Manuel Albuquerque. Samaí morre porém no Natal de 1956 e, então, anotamos outra façanha de encurtar distância: em 1958 Wilson Fonseca passa a trocar correspondência com o renomado professor Heinrich Lemacher e só não foi doutorar-se em música na pátria de Bach porque recursos não tinha.

A maturidade do compositor sobrevém, assim, com muitas reflexões místicas, sem prejuízo da parte profana, que também se desenvolve e se diversifica. As condições do meio não lhe permitem tentar formas sinfônicas, por isso se serve abundantemente do piano, da banda e do coral para realizar seus trabalhos polifônicos e contrapontísticos. Não obstante usará a grade da partitura orquestral em algumas obras, como na Abertura Sinfônica "Centenário de Santarém" (1948). De 1951 é a composição da "Sonatina nº 1", para piano e, de 1958, a criação do "Ecce Sacerdos Magnus" para 4 vozes mistas e órgão (ou orquestra), editado em S. Paulo, na gráfica dos Irmãos Vitale, e que foi cantando pelo Coro do Seminário Franciscano de Mayslake (USA), por ocasião da solenidade de sagração episcopal de D. Tiago Ryan, Bispo-Prelado de Santarém.

Até 1953, Wilson Fonseca se ausentara de Santarém apenas para ligeiras estadas na capital do Estado. Em 1953 mantém o seu primeiro contato, direto e estreito, como os meios culturais do Rio de Janeiro e São Paulo, onde esteve ainda em 1958, 1963, 1973, 1976 e 1978. Em agosto de 1958, músicas suas figuram na Exposição de Música Sacra realizada no Recife, quando, por ocasião do V. Congresso de Música Sacra, na capital pernambucana, é cantada pelo Coral da Faculdade de Filosofia do Recife a sua "Ave Maria" para 3 vozes mistas à capella. A 7 de novembro do mesmo ano, Gioconda Peluso, ilustre soprano santarena, inclui peças de sua autoria no recital que realizou no "Lyceum Club Internazionali di Napoli", na Itália. Em São Paulo, o compositor tem oportunidade de gravar, ao piano, dois discos em 78 rpm, com as músicas "interrogação", "Maria das Dores", "Conceição", de sua autoria, e "Um meigo sorriso", de José Agostinho da Fonseca. No mesmo ano, dá a conhecer a "Canção de minha saudade", peça composta 9 anos antes, para a sobrinha Salette e que, por motivos supervenientes, ficara quase esquecida.

A mesma Salete interpreta a primeira audição, e a música alcança, então, sucesso extraordinário, tornando-se popular e muito conhecida, como que identificando-se com todos os santarenos, que dela se apossaram em inúmeras ocasiões, em serestas e recitais. Esta foi a canção favorita do popular tenor santareno Expedito Toscano e, em 1970, foi adotada como hino oficial do 1º Festival da Música Popular do Baixo Amazonas, realizado em Santarém e cantada com êxito no final de cada noite da "Semana de Santarém", realizada no Teatro da Paz, Belém, em outubro de 1972. Em 1959, Expedito Toscano grava em São Paulo 3 discos de 78 rpm com obras de Wilson Fonseca: "Ana Helena", "Lua Branca", "Rosilda", "Bernadete" e, naturalmente, a preferida "Canção de Minha saudade", incluindo também a "Canção da saudade", de José Agostinho da Fonseca.

Fiel à tradição, e ao ambiente em que se formara, os sucessos alcançados não o fizeram esquecer da banda de música. A esse tempo, muitos velhos companheiros haviam desaparecido e Wilson Fonseca considerou a necessidade de formar novos elementos. Juntamente com seu irmão Wilde e os sargentos João de Deus Damasceno e Raimundo Bittencourt, com o apoio do prefeito municipal, Everaldo Martins, fundou em 1963 a banda de música "Professor José Agostinho", com 30 figuras, corporação que se vem mantendo como a mais importante e ativa do Baixo Amazonas. Outra iniciativa, que promove com a colaboração de todos os membros da família, foi organizar um pequeno "museu do som", conseguindo gravar, em fita magnética o repertório de músicas compostas por santarenos e ainda documentos folclóricos. Por outro lado, com esforço muito pessoal, recupera documentos antigos, restaura partituras e passa para a pauta musical vasto acervo de canções populares, desde as cantigas de roda às melodias do sairé e do marambirê, folguedos da região, produzindo também adequadas harmonizações. Surge assim, conjugada à obra do compositor, vasto painel das tradições santarenas.

Em 1970, por ocasião do 1º Festival da Música Popular do Baixo Amazonas, tem oportunidade de conhecer pessoalmente o maestro Waldemar Henrique e dele recebe convite para apresentar-se no Teatro da Paz. Aceitando o convite, passou a escrever suas músicas mais características para que a Orquestra e o Madrigal da Universidade Federal do Pará pudessem executá-las. A idéia da apresentação evolui para a realização de uma Semana de Santarém, tendo como fulcro o compositor, dela participando outros artistas santarenos, programada e realizada no Teatro da Paz no período de 23 a 27 de outubro de 1972. Durante a Semana, diversas músicas de Wilson Fonseca foram aplaudidas pela

primeira vez na capital do seu Estado. No concerto final, a Orquestra e o Madrigal da UFPa, executaram a grande marcha "Centenário de Santarém", "Quando canta o uirapuru", "Be-lem, Belém" e "Acalanto", esta última melodia de seu filho Vicente Fonseca. Foram lançados, nesta oportunidade, dois discos compactos, contendo "Tambatajá" (Waldemar Henrique) e "Hino ao Pará" (atribuído a Gama Malcher), a "Canção de minha saudade" (letra de Wilmar Fonseca) e "Hino de Santarém" (letra de Paulo Rodrigues dos Santos), mandados gravar no sul do País pela Orquestra Sinfônica Nacional e Coro da Rádio MEC, sob a regência do maestro Nelson Nilo Hack. A 24 de outubro, data comemorativa do aniversário de Santarém, foi-lhe concedido pela Assembléia Legislativa do Estado o título de "Honra ao Mérito" como homenagem e reconhecimento ao musicista que, voltado para os temas amazônicos e santarenos, tornou-se uma expressão nacional e internacional, a projetar o nome do seu Estado, da sua Cidade e da sua Região. Aposentado, desde 1º de agosto desse ano, de suas funções no Banco do Brasil, depois de 31 anos de serviços, Wilson Fonseca passou a se dedicar exclusivamente à sua Obra, já com vistas à publicação, sem deixar de produzir novas partituras e de colaborar com outras iniciativas locais, como a organização do coral misto de 150 vozes para as solenidades do II Congresso Eucarístico de Santarém, realizado de 12 a 15 de dezembro de 1974. Tornou-se este, em seguida, de caráter efetivo o permanente, com a denominação "Coral de Santarém". Em 1975 é nomeado diretor-presidente da "Casa da Cultura de Santarém". Por ocasião da inauguração desta, em 10 de março, lançou o volume "Santarém Cantando", mandado editar pelo governador Fernando Guilhon. Participa ainda do grupo que, em 24 de outubro desse ano, reinstala a "Sociedade Etnográfica e Literária Santarena", fundada a 7 de setembro de 1872 pelo cientista João Barbosa Rodrigues.

Em 1976, representado por seu filho José Wilson, recebe da Assembléia Legislativa do Estado, em sessão especial, o título de "Honra ao Mérito", que lhe fora concedido em 1972. É ainda homenageado pelo Conselho Regional do Pará da Ordem dos Músicos do Brasil e entrega, para publicação, o 1º volume de sua "Obra Musical", impresso a seguir na imprensa oficial do Estado, atendendo o parecer da Câmara de Letras e Artes do Conselho Estadual de Cultura. Contando, nessa ocasião, com o volumoso catálogo de cerca de 500 composições, deveriam as mesmas aparecer enfileiradas em 6 volumes assim classificados:

- 1 vol. - Coral
- 2 vol. - Sacras
- 3 vol. - Valsas, tangos, modinhas, toadas e canções

- 4 vol. - Sambas, marchas, foxs e boleros
- 5 vol. - Diversas
- 6 vol. - Orquestra e banda.

O primeiro volume, com introdução do compositor, reproduz 60 partituras contendo melodias originais ou arrançadas a 3 ou a 4 vezes, algumas com acompanhamento de piano, outras a seco. O segundo volume só pôde ser lançado em 1980 e contém toda a música sacra composta até então: 4 "Ave Maria", 2 Cantos para a Missa de Natal; 7 Cantos para a Semana Santa: 1 Ecce Sacerdos Magnus; 2 Ladinhas de Nossa Senhora; 13 Hinos diversos; 23 melodias da série "Maria, Nossa Canção", com letras do padre Manuel Rebouças de Albuquerque; 11 Missas (1, Missa Breve; 2, Missa "Caminhar Juntos"; 3, Missa in honorem S. Annae; 4, Missa in honorem Sancti Augustini; 5, Missa in honorem Sancti Joseph; 6, Missa Maria Cantio Nostra; 7, Missa Mater Immaculata; 8, Missa Nova; 9, Missa de Requiem; 10, Missa a São Vicente; 11, Missa de votos perpétuos) e mais 13 canções devotas, num total de 76 partituras. Os volumes restantes ainda não foram publicados. E o plano inicial, de 6 volumes, poderá ser alterado com a sua crescente produção, hoje ultrapassado o meio milhar.

Em 1977 Wilson Fonseca, aos 65 anos de idade, apresenta-se como solista de piano na Sala de Concertos do Colégio Gentil Bittencourt¹ executando exclusivamente obras de sua autoria e de seu pai. Em dezembro de 1978, o conjunto de suas composições totalizou 480 partituras, algumas de largas proporções. Entretanto, nesse cômputo não figuram - pelo fato de o autor não haver conservado originais ou cópias em seus arquivos - as inúmeras musiquetas compostas para cordões da quadra junina, grupos pastoris, teatrinhos escolares e nem os incontáveis arranjos, harmonizações, instrumentações e adaptações de peças suas e de outros autores, notadamente para piano, órgão, pequena orquestra, jazz-band, banda de música, canto e outros. Inclui-se também, como trabalho pessoal, a recuperação da obra remanescente de seu pai, José Agostinho da Fonseca, publicada, em 1981, totalizando 89 partituras, volume que complementa a obra "José Agostinho da Fonseca. O músico poeta", editado em 1978, por Wilmar Dias da Fonseca.

Além de desenvolver múltiplas atividades em prol da cultura santarena, principalmente no campo da música, Wilson Fonseca ainda se dedicou à literatura, colaborando em jornais de Santarém e na revista *Música Sacra*, de Petrópolis. Produziu também um livro de memórias, **Meu baú mocrongo**, do qual tem divulgado muitas passagens. Sem alarde, embora distante dos grandes centros, com poucas oportunidades para desenvolver o seu talento, soube construir uma obra sólida e consistente, que pesa no conjunto da produção dos compositores paraenses, não só em volume, como pela qualidade. Vale salientar que o compositor não é indiferente ao meio em que vive, que reflete e sua sensibilidade, como as suas limitações. Conseguiu, no entanto, armazenar e traduzir essa sensibilidade e, muitas vezes, superar as limitações. Guardadas as proporções de tempo, o caráter e o sentido da época, que bem define o estilo e a maneira de viver, Wilson Fonseca não deixa de sugerir a idéia de um autêntico compositor barroco do século XX. Tal como o padre mestre José Maurício Nunes Garcia, ou os compositores mineiros do século XVIII, adquiriu pelo próprio esforço o conhecimento e a técnica que o credencia a ocupar o seu espaço na história da música regional, ou até nacional, com a dignidade de verdadeiro mestre. Mestre do barroco no século XX. É uma oferenda musical de Santarém.

- 1 - Informações extraídas das memórias do compositor, trecho publicado na Folha do Norte, Santarém, 5.07.1980, sob o título: "Dos escaninhos do "Baú"."
- 2 - Na nossa coleta de partituras musicais no Pará, obtivemos cópias manuscritas de peças de Wilson Fonseca publicadas no *Jornal das Moças* ("Garotas Modernas", fox-blue, "Quero um grande amor" e "Beatrice", valsas), o que demonstra essa insuspeitada divulgação. É possível que tais cópias, processo habitual ainda na época, tenham sido feitas em todo o Brasil.
- 3 - Foram as seguintes: "Canção de Diana (Baile das Escravas)" e "Minha eterna adoração", valsas; "Desolação", tango-canção; "Foi saudade", samba-canção; "Juro! é só você...", marcha; "Noite de encantos", fox-trot e "Perto de você", tango para piano.